

O ORGANISMO PATRIMONIAL, A DEFICIÊNCIA DE SUAS FUNÇÕES E DEFINHAMENTO

Rodrigo Antônio Chaves da Silva*

Contador Neopatrimonialista

Uma realidade constatada pela ciência é a existência de corpos: a matéria para a física é um corpo; a química estuda os corpos químicos; a medicina estuda o corpo humano; e assim surgem as concepções sobre os corpos, que, muitas vezes, são levadas a serem confundidas com os organismos.

Qualquer corpo, em certo sentido, pode ser considerado como um organismo. Se a ciência estuda os corpos, então ela também estuda os organismos. Organismo é conjunto. Existem, pois, diversos conjuntos: os atômicos, moleculares, celulares, materiais, humanos, sociais, ecológicos, planetários, e outros.

O grande escritor Rueff (RUEFF, Jacques. *Vision Quântica del universo*. Madrid: Ediciones Guanarrama, 1968. Colección Punto Omega.), dizia que a existência é composta de conjuntos, de pequenos organismos sociais, e que tudo poderia ser compreendido numa visão atômica(quântica)- o átomo também é um corpo, ou possamos assim dizer, um “organismo”.Chardin também considerava a realidade como um conjunto de coisas que tenderiam para o ponto ômega (In: CHARDIN, Pierre Teilhard. *O fenômeno Humano*. Tradução de José Luiz Archanjo.São Paulo: Ed. Cultrix, 1986.). Cada qual pensador, emitia explicações sobre a ordem da natureza dos conjuntos, ou organismos.

O patrimônio é, portanto, um organismo.

E tal concepção era sustentada há mais de um século por Giovanni Rossi, ao conceber a riqueza como um ente particular, e peculiar à interpretação contábil; por isso, denominava o patrimônio de “ente econômico-administrativo”, como expôs na estampa de sua obra (Veja: ROSSI, Giovanni. *L`ente Económico-Amministrativo*. Reggio Dell`Emilia: Stabilimento tipo-litografico degli artigianelli, 1882. V. I). Por este motivo, ao encetar seus discursos sobre a sociedade dizia: “Um das precípuas tendências hodiernas das ciências sociais é aquela de se assemelharem às ciências dos organismos” (p. 3, da obra citada).

Um organismo possui, pois, órgãos e funções. Os órgãos são os elementos que emitem as funções. No estado normal de funcionamento, deve-se considerar que há uma patologia, e uma capacidade orgânica saudável. É muito complexo detectar e explicar os fenômenos de um organismo, porque os exames são difíceis de serem produzidos. Fácil, no entanto, é perceber, que na medida que um organismo é deficiente, ele define até a morte.

O organismo patrimonial se entende do mesmo modo: Existem os órgãos, e as funções, não são, pois, elementos isolados, mas, coordenados, num conjunto sistemático; há uma patologia e uma terapêutica contábil, como dizia Francisco D`auria(*Apud* - FRANCO, Hilário - *Estrutura, Análise e Interpretação de Balanços*. 12. ed. São Paulo: Atlas, 1973. p. 20). Na medida que as funções de uma riqueza perdem a eficácia, a tendência principal é que este objeto defina até o depauperamento completo de sua existência (que ocorre com a perda da substância patrimonial, e do espaço do Ativo).

Numa concepção interessante, está a de Rossi, que considerava de um modo geral, as funções em três classes especiais: a de circulação, produção e consumo (p. 91 da obra citada). Enfatizava o mestre, que o desequilíbrio num destes três movimentos, poderia provocar transtornos na célula social, e conseqüentemente, na sociedade humana.

Realmente na ótica Rossiana, a circulação deveria ser equivalente à produção: a empresa não poderia produzir mais do que suportasse circular. O consumo, por sua vez, não poderia ser maior que a circulação – para que não houvesse desfalecimento da massa patrimonial pelos custos dos giros. E finalmente, não deveria existir uma produção e consumo inferior à capacidade de circulação do ente patrimonial (para não haver deficiências operacionais). Se acontecesse um desequilíbrio constante, nestas três funções, o tal poderia gerar o definhamento completo da riqueza.

Porém, a análise da circulação não é fácil de ser realizada: as expressões dos valores, sem o devido raciocínio matemático, não chegam a transmitir uma posição gerencial pertinente, já que a explicação cabe à ciência, e não à leitura dos dados.

Sobre os fenômenos de circulação ou giro dos valores, importantes relações possuem com o equilíbrio das empresas, conforme importante pesquisa feita pelo cientista mineiro, líder de nossa corrente, o Dr. Antônio Lopes de Sá, observando mais de 1.400 empresas, reunindo um total superior a 7.000 balanços (SÁ, Antonio Lopes. O equilíbrio do Capital das Empresas. Belo Horizonte: Estabelecimentos Gráficos Santa Maria S/A, 1959.).

Os aspectos de produção e consumo são interligados à circulação dos valores.

Portanto, estudando um desses fatos, racionalmente, surgirá a necessidade de analisar outro, senão todos eles.

Mas, na medida em que existe uma deficiência dos movimentos patrimoniais, a riqueza definha até o seu exânime total.

Infelizmente um patrimônio em total definhamento, prejudica o organismo aziendal, gerando uma insatisfação da socialidade que o mesmo possui. Também a análise desses fatores só é possível para o estado superior da mente contábil, que utiliza “a razão” para o seu diagnóstico.

A contabilidade no seu verdadeiro patamar de ciência consegue diagnosticar tais estados, emitindo as regras para se administrá-los, elaborando processos para a recuperação das mesmas funções, quando em caso específico, elas se apresentem patológicas, necessitando de comportamentos saudáveis que somente a razão pode explicar e orientar.

***Rodrigo Antônio Chaves da Silva:** É contador, Neopatrimonialista, acadêmico do curso de administração, membro da Associação científica Internacional Neopatrimonialista(ACIN), e do clube balanced Scorecard de Tablero Comando da Argentina.